

LISBOA SUBTERRÂNEA



Electa

Museu Nacional
de Arqueologia

Lisboa
Capital Europeia
da Cultura '94

194

182 Foice denticulada (cinco elementos)

Ca. 1300 anos a.C.
Bronze Final (início)
45 x 35 x 12 mm (o maior); 31 x 31 x 10 mm (o menor)
Sílex de origem local
(calcários do cretácico-cenomaniano)
Tapada da Ajuda (Lisboa)
Oeiras, Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras), n.º TA/83

Cinco elementos de foice denticulados. Lascas de sílex retocadas num dos bordos, afeiçoando um gume denticulado. Alguns possuem patine característica («lustre de cereal»).

Bibliografia: CARDOSO *et al.*, 1980-81; CARDOSO *et al.*, 1986; CARDOSO, 1987; CARDOSO e CARREIRA, 1993.

JLC

183 Vaso fragmentado

Ca. 1300 anos a.C.
Bronze Final (início)
Alt.: 55 mm; diâm. da boca: 67 mm
Cerâmica manual
Tapada da Ajuda (Lisboa)
Oeiras, Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras), n.º TA/84

Pequeno vaso de colo alto.

Bibliografia: CARDOSO *et al.*, 1980-81; CARDOSO *et al.*, 1986; CARDOSO, 1987; CARDOSO e CARREIRA, 1993.

JLC

184 Taças fragmentadas

Ca. 1300 anos a.C.
Bronze Final (início)
1) Alt.: 92 mm; diâm. da boca: 216 mm; 2) alt.: 65 mm; diâm. da boca: 120 mm
Cerâmica manual
Tapada da Ajuda (Lisboa)
Oeiras, Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras), n.º TA/83 e TA/84

Duas taças carenadas e lisas.

Bibliografia: CARDOSO *et al.*, 1980-81; CARDOSO *et al.*, 1986; CARDOSO, 1987; CARDOSO e CARREIRA, 1993.

JLC



182

Comentário ao sítio arqueológico da Tapada da Ajuda

A investigação sobre o povoamento da Idade do Bronze na região da Grande Lisboa só muito recentemente conheceu avanços significativos: alguns estudos recentes fazem a síntese possível dos conhecimentos (CARDOSO, 1987; CARDOSO e CARREIRA, 1991-1993). Das numerosas ocorrências conhecidas, avulta a Tapada da Ajuda, onde se efectuaram escavações (CARDOSO *et al.*, 1980-81; CARDOSO *et al.*, 1986; CARDOSO, 1987). A jazida implantava-se em encosta de solos basálticos, com suave pendor para sul, junto da linha de água então tributária do Tejo próximo da Junqueira. Uma única camada arqueológica denuncia ocupação bem delimitada no tempo, correspondente a diversas unidades habitacionais dispersas pela encosta. A estrutura melhor estudada é uma casa de planta elíptica, com eixo maior medindo cerca de 6 m, construída por blocos basálticos não aparelhados. A orientação da estrutura, bem como a concentração de detritos alimentares de um dos seus lados, sugere que a entrada se abria para sul, e portanto para o estuário, ao abrigo dos ventos de norte, dominantes. Trata-se, pois, do primeiro elemento sobre a tipologia e organização do espaço disponível para a época e região em apreço e uma das poucas documentadas em território português, com semelhanças evidentes com as estruturas coevas da região de Castro Verde (MAIA, 1986), cuja reconstituição gráfica foi já ensaiada (GOMES, 1992). Poderão denunciar influências continentais, oriundas da Meseta.

Cinco datações pelo 14 C deram, depois de corrigidas, os seguintes resultados : 3000+/-40BP; 3000+/-100BP; 3090+/-50BP; 3010+/-60BP; e 2980+/-50BP, a que correspondem as datas médias, depois de calibradas, de 1263, 1235, 1365, 1269 e 1222 cal aC. Podemos, portanto, concluir que se trata de uma ocupação da segunda metade do século XIV ou, mais provavelmente, do século XIII a.C., ou seja, do início do Bronze Final.

A tipologia das cerâmicas exumadas é compatível com as datas obtidas; a ausência da conhecida decoração em «retícula brunida»,

não obstante ser conhecida noutras estações da região e os milhares de fragmentos compulsados, sugere um momento cronológico-cultural anterior (CARDOSO e CARREIRA, 1991; 1993; GOMES, 1992). A ser assim, teríamos, como na Andaluzia (TEJERA-GASPAR, 1980; BELÉN *et al.*, 1983), uma fase inicial do Bronze Final, sem cerâmicas de «retícula brunida», sucedendo-se um segundo momento, caracterizado pela presença desta técnica decorativa, prolongando-se mesmo após a generalização das importações orientais, de origem fenícia. O espólio restante forneceu, outrossim, importantes indicações sobre a economia, bases de subsistência e paleoecologia do meio envolvente. Assim, os restos de alimentação indicam, ao nível das proteínas consumidas, um predomínio de bovinos, seguidos pelos ovicaprinos e, por último, pelos suínos. A caça desempenhava papel muito secundário na alimentação, facto explicável, sobretudo, pela natureza sedentária, estável e pacífica destas populações, bem demonstrada pela importância da bovinicultura. A dieta era completada pela importante produção cerealífera, bem demonstrada pela abundância dos elementos de foice denticulados, de sílex, e ainda pela recollecção de moluscos e pela pesca, no litoral adjacente. Tal como no Calcolítico, a exploração de biótopos litorais diferentes é demonstrada pela diversidade de espécies recolhidas, assumindo particular importância a recolha de ostras, nos bancos vasosos do interior do estuário. As análises polínicas e dos macrorestos vegetais indicam um coberto arbóreo muito esparsa, com pinheiros, zambujeiros e caducifólias do género *Quercus* sp. Procurando integrar a Tapada da Ajuda em contexto regional, teríamos que ao povoado pacífico, sedentário e disperso, documentado nesta como noutras jazidas, contrapor um centro onde se sediaria a classe dirigente, detentora de poder político-militar, de onde administraria a região onde se implantava a jazida. Trata-se, afinal, de modelo idêntico ao defendido, na mesma época, para a região baixo alentejana (PARREIRA, 1983).
JLC

185 Cadeia de espirais (colar)

Século XII a.C. (?)

Bronze Inicial

130 x 18 x 18 mm; peso: 190,9 g

Ouro

Bonabal (Torres Vedras)

Torres Vedras, Museu Municipal de Torres Vedras, n.º BON/1

Cadeia de oito espirais com oito espiras cada. A verdadeira função das cadeias de espirais de ouro é ainda hoje difícil de precisar devidamente. Podem ter tido um valor estético, mas também não é de excluir a hipótese de terem funcionado como valor pré-monetário. Foram utilizadas certamente como colares ou braceletes, podendo ter tido, paralelamente, as duas funções. Bibliografia: TRINDADE e FERREIRA, 1964.
AMA



185, 186

186 Bracelete

Século XII a.C. (?)

Bronze Inicial

93 x 64 x 7 mm; peso: 127,9 g

Ouro

Bonabal (Torres Vedras)

Torres Vedras, Museu Municipal de Torres Vedras, n.º BON/2

Bracelete maciço, de forma elíptica e de secção cilíndrica.

Bibliografia: TRINDADE e FERREIRA, 1964.

AMA

Comentário às peças de Bonabal

Foi durante a realização de trabalhos agrícolas efectuados na propriedade de Pena Seca, junto à povoação de Bonabal (freguesia de S. Mamede, concelho de Torres Vedras) que estas peças foram encontradas. Das restantes peças, que incluíam o conjunto, desconhece-se o paradeiro. A ausência de referências sobre a associação deste material a estruturas habitacionais ou de necrópole leva a supor que se trata de um local de ocultamento de ouro, ou seja um dos chamados «tesouros», habituais na Idade do Bronze.

AMA

187 Punhal «tipo Porto de Mós»

Séculos X – IX a.C.

Bronze Final

314 x 25 x 9 mm

Bronze

Moinho do Raposo (Alenquer)

Alenquer, Museu Municipal de Alenquer, n.º 1438/1

Punhal que se aproxima dos de «tipo Porto de Mós», com lingueta e folha com nervura central. Com ombros marcados a lingueta é ovalada e possui cinco orifícios para rebitagem.